

A CLÍNICA DA HISTERIA FEMININA E AS MULHERES CONTEMPORÂNEAS

Francirene de Sousa Paula

De acordo com o historiador Franco Cambi “a época contemporânea nasce – convencionalmente – em 1789, com a Revolução Francesa ...” (CAMBI, 1999, p.337) e também com a Revolução Industrial na Inglaterra do século XVIII. As duas revoluções simbolizam uma nova era, marcada profundamente por rupturas com a vida medieval. Nos diferentes campos da vida humana (econômico, político, social, cultural, educacional e sexual), emergem movimentos reivindicando modificações. Daí, a palavra *liberdade* ser um dos significantes centrais da época.

No que diz respeito ao movimento feminista em particular, objeto de nosso interesse, reivindica-se principalmente a emancipação social e econômica das mulheres em relação aos homens. Pois, na sociedade medieval, diz Zalcberg (2007), “... o lugar reservado às mulheres é o lugar da sombra, do esquecimento, do confinamento no âmbito fechado e alijado da vida social – um “não-lugar” (ZALCBERG, 2007, p. XI). É contra a condição de subalternidade, social e historicamente constituída, que as mulheres vão combater à cultura machista. Ou ainda, nas palavras de Bloch (1995), à tradição misógina que atravessou todo o ocidente até hoje.

Embaladas por uma nova mentalidade, nascem as mulheres contemporâneas: agora mais independentes dos homens, pelo menos ideologicamente, tornando estes muitas vezes descartáveis, à semelhança de outras mercadorias lançadas fortuitamente e em massa no mercado de consumo. Com efeito, a sociedade de consumo ofereceu às mulheres uma forma nova de lidar com a insatisfação. O que não quer dizer que tenha dado fim ao mal-estar inerente à falta que constitui o advento do todo sujeito, seja homem, seja mulher.

Assim, arranjar-se com a falta continua sendo tarefa de todos, embora, para as mulheres, venha a tratar-se, na verdade, de uma dupla falta, como dirá Zalcberg (idem): uma é a falta que pertence a todo sujeito, homem ou mulher, uma vez que ambos estão submetidos à castração. A outra resulta da falta de um significante específico para o sexo feminino. Apesar dos arranjos serem múltiplos, Freud reconhecerá na histeria, particularmente, na histeria feminina, uma maneira exemplar de lidar com a castração ao substituir a satisfação sexual pela satisfação dos sintomas. Contudo, vale lembrar que estamos falando das mulheres históricas que apresentavam os sintomas clássicos da época (paralisias musculares, afasias, convulsões etc.).

Freud (1908/1996) reconhece em suas históricas os sinais de seu tempo quando afirma que em relação aos homens, a educação dada às mulheres é acompanhada de uma repressão sexual mais forte. No entanto, não considera esse fato o suficiente para definir a histeria nas mulheres. Se assim o fosse, poderíamos agora nos aventurar a dizer que a liberação sexual das mulheres contemporâneas trouxe alívio às suas problemáticas sexuais. Mas não é isso que revela a clínica psicanalítica a partir e depois de Freud.

O que se pode dizer é que apesar das maravilhas dos anestésicos, abundantes na atualidade, a clínica ainda escuta mulheres que pela via da histeria fala das suas desventuras ao pertencer a um sexo, ao carregar um desejo que dele nada quer saber. Tal realidade coloca em cena a atualidade da clínica da histeria feminina.

Se é verdade que a histeria sempre se renova, inaugurando sintomas, também é verdade que ela percorre um caminho bem conhecido: o desejo sexual inconsciente. No texto “Anorexia: uma nova patologia”, apresentado no IV Congresso Nacional de Psicanálise da UFC, Betty Fuks (2007) chama a atenção justamente para o fato de que se a anorexia, como patologia contemporânea, é pensada somente à luz de uma

psicologia social, em que as mulheres (adolescentes) tomam o corpo magro como corpo ideal, resultante de pressões culturais, perde-se de vista sobre o que o sintoma fala. Ou ainda, diz a autora, a sua “estreita relação com a sexualidade feminina” (FUKS, 2007, s/p), a qual se encontra relacionada à Outra cena “marcada pelo que Lacan designou de transindividualidade do inconsciente” (s/p).

Parece evidente que a histeria feminina acompanha as transformações históricas da linguagem. Mas não é isso que dispensa as ferramentas da clínica psicanalítica. No livro *Mulheres históricas* de Vera Pollo (2003) podemos acompanhar ao longo da história da medicina ocidental a presença de vários discursos que giraram em torno das mulheres, sobretudo as mulheres malditas, insanas, loucas e bruxas. Foram elas as principais responsáveis por tornar “a mulher” um assunto público e também enigmático, na medida em que seguiam, com seus criativos sintomas, desafiando médicos após médicos.

Até chegar à clínica freudiana, no final do século XIX, as mulheres históricas passaram por clínicas de renome como as de Jean-Martin Charcot (no hospital de Salpêtrière) e Hyppolyte Bernheim (em Nancy) e não sem fazer bastante barulho. Como diz Pollo (2003), a questão das mulheres históricas ficou dividida entre a definição de ‘Circo histérico ou comportamento signo’ do lado de Charcot e a de ‘Entidade clínica ou fenomenologia histérica’ segundo Bernheim. Contudo, nem numa nem na outra a histérica se fez ouvir como realmente gostaria.

É na clínica freudiana que os dramas sexuais, apontados pelo sofrimento físico-psíquico das históricas, terão uma boa acolhida. Diferente de Charcot e Breuer, Freud abre as portas para escutar o que as históricas têm a dizer sobre o sexo. A tomada da palavra pelas mulheres na clínica freudiana expressa quão distante encontrava-se a psicanálise das acusações feministas que a concebiam como falocentrista.

Em suas primeiras formulações, a histeria não se define em relação ao homem ou à mulher. Os histéricos, diz Freud (1996), na obra *Estudos sobre a histeria* de 1893, “sofrem principalmente de reminiscências”(FREUD, 1893/1996, p. 43) sem fazer qualquer referência à diferença entre os sexos. O que está em jogo na histeria, nesse primeiro momento, portanto, é um conjunto de representações inadmissíveis à consciência, cujos conteúdos revelam, em última instância, uma cena sexual.

Numa conferência proferida no mesmo ano, intitulada *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos*, Freud (1893-1895/1996) ressalta os aspectos seguintes da neurose histérica: a *relação simbólica* que existe entre os sintomas e suas causas, apontando precisamente para a natureza psíquica da neurose histérica, em oposição à tese da hereditariedade de Charcot e ainda a *double consciência* ou consciência dupla para demonstrar a divisão marcante do psiquismo humano.

Posteriormente, no ano de 1895, na quinta parte dos *Estudos*, a psicoterapia da histeria, Freud (1893-1895/1996) esclarece que os conteúdos psíquicos inacessíveis à consciência são de natureza sexual, contrariando as idéias de Breuer que atentavam mais para ocorrências de natureza orgânica. Em 1896, no texto *A hereditariedade e a etiologia das neuroses*, não haverá mais dúvida para Freud (1896/1996) quanto ao papel desempenhado pela sexualidade na neurose histérica. Na verdade, ele vai um pouco mais além, afirmando que não só as lembranças recalcadas estão relacionadas à vida sexual, mas que elas estão particularmente ligadas à vida sexual infantil. Assim, ele escreve: “Uma experiência sexual passiva antes da puberdade: eis, portanto, a etiologia específica da histeria.” (FREUD, 1896/1996, p.143).

Poucas páginas à frente, ele torna-se mais surpreendente ao distinguir a histeria da neurose obsessiva a partir da oposição passividade e atividade sexual respectivamente; e, em seguida, ao apontar uma possível relação entre a histeria e o

feminino pela via da passividade, ao passo que a neurose obsessiva estaria ligada ao masculino através do que ele nomeia de condição sexual ativa.

Histeria, passividade e feminino de um lado, neurose obsessiva, atividade e masculino do outro. Na neurose histérica, supõe Freud (1893/1996a), o sujeito se submeteu à experiência sexual com indiferença ou com medo. Na neurose obsessiva, o sujeito obteve prazer, participando ativamente da experiência sexual.

No campo do possível, poderíamos também dizer do imaginário a partir de Lacan, Freud relaciona a histeria à mulher e a neurose obsessiva ao homem, sem, no entanto, definir a histeria – que é da ordem do feminino – como algo da ordem da mulher. O que seria da ordem da mulher então? E, particularmente, da mulher neurótica?

Nos *Três ensaios*, escritos em 1905, Freud (1905/1996) volta a falar da histeria na mulher pela via da conversão quando faz dos sintomas no corpo a sua atividade sexual e aborda a questão da mulher como *um tornar-se mulher*, indicando, como Lacan (1998) faria posteriormente, a inexistência da mulher enquanto tal. Assim, o corpo anatômico da menina parece insuficiente para que venha a ter acesso à condição de mulher. O que pode torná-la mulher?

Para Freud (1933/1996), é necessário que a menina venha a recusar parte da masculinidade que lhe confere o momento que antecede ao Édipo. Separar-se da mãe e voltar-se para o pai. Em outros termos, isso significa abandonar o clitóris em favor da vagina como referência de sua sexualidade. É essa mudança - a qual o *torna-se mulher* está sujeito – que Freud sublinhará como a condição para uma disposição especial da mulher à histeria.

Pelo menos dois problemas vão aparecer com essa formulação: um, vai girar em nome de que ou de quem a menina vai deixar de lado a versão masculina do sexo para

aceder à condição de mulher; e o outro refere-se à tomada da vagina como referência para a constituição da sexualidade feminina.

Em nota, o editor inglês James Strachey anuncia nos *Três ensaios* (1905/1996) que, em 1897, Freud introduz o termo *complexo de Édipo* a partir de sua auto-análise, dando-se conta, dentre outras coisas, de que o destino da menina não pode ser o mesmo que o do menino frente à castração. Ainda que no primeiro momento do Édipo, a mãe seja a primeira escolha amorosa para os dois, a repercussão da castração na menina não é mesma.

No menino, o Édipo chega ao fim. A ameaça da castração o leva à renúncia ao amor pela mãe e à identificação viril com o pai. Na menina, a castração a introduz no complexo de Édipo, uma vez que a separação da mãe a lança para o amor paterno sem, contudo, assegurar-lhe uma identificação feminina (ZALCBERG, 2007). Nas palavras de Soler (2005), remetendo-se à pergunta freudiana “o que quer a mulher?”, o Édipo produz o homem e não a mulher. A não produção da mulher via Édipo, como nos ensina Zalcberg (idem), lança-a não só para a condição de falta- a- ser, condição referente a todo sujeito castrado, mas também para uma outra falta, a saber, a falta de um significante específico para o seu sexo. Citando Freud, a autora escreve “... a vagina é bem conhecida como órgão, pedaço de corpo, mas não é conhecida a nível simbólico, como sexo feminino” (ZALBERG, 2007, p. 30). No inconsciente, só há inscrição de um representante do sexo, o falo, o qual Freud (1931/1996) conceituou como o pênis que pode faltar, ou seja, como um símbolo da falta.

Referido à falta de todo sujeito e à falta como mulher, cada mulher, uma a uma, não encontrará no falo o amparo suficiente para dar conta da constituição sexual feminina, uma vez que esta vai se situar para além da lógica fálica. Algo de irrepresentável marca o sexo na mulher. No caso da mulher histérica, a procura por uma

identificação sexual feminina parece acentuar a queixa de que sofre todo sujeito em relação à falta. Além da mãe, também o pai poderá tornar-se alvo de suas acusações que em resumo significa não terem eles dado o que lhe era merecido por direito. Sem saber ao certo onde localizar a sua sexualidade, a histérica mulher se mantém, muitas vezes, perdida e confusa em sua dinâmica identificatória: não sabe se é homem ou mulher. Não sabe ou não quer saber da castração. Ou ainda, se deseja.

Serge André (1998) lembra um caso de uma fantasia histérica - descrita por Freud no texto “As fantasias históricas e sua relação com bissexualidade”. Trata-se de uma mulher que aparece numa cena de violação em que com uma mão arranca as roupas como um homem. Com a outra, as mantém apertadas contra si como mulher (ANDRÉ, 1998). Em resumo, podemos concluir dizendo: como neurótica, a histérica padece do desconhecimento fundamental de seu ser, vivendo em busca de verdades que possam lhe restituir o que julga terem lhe retirado, quer saber a verdade verdadeira. Como mulher, ela duvida – ora mais, ora menos – se é realmente uma mulher na medida em que só é o que é como mulher em comparação com uma outra mulher. É como disse-me uma conhecida: “ao conhecer minha professora de filosofia, de quem logo me tornei amiga, perguntei a mim mesma: que tipo de mulher sou eu?”.

BIBLIOGRAFIA

ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BLOCH, R. Howard. **Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

CAMBI, Franco. **Historia da pedagogia**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

FREUD, S.. Estudos sobre histeria (1893-1895) In **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

_____. A hereditariedade e a etiologia das neuroses (1896) In **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Um caso de histeria e Três ensaios sobre a sexualidade (1905) In **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna (1908) In **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Sexualidade Feminina (1931) In **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Feminilidade (1933) In **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FUKS, Betty. Anorexia: uma nova patologia In CONGRESSO NACIONAL DE PSICANÁLISE DA UFC, 4, 2007, Fortaleza, **Anais**, Fortaleza, Expressão Gráfica Editora, 2007, I CD-ROM.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

MAURANO, Denise. **Histeria: ontem, hoje e sempre**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

POLLO, Vera. **Mulheres históricas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

ZALCBERG, Malvine. **A relação mãe e filha**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

_____. **Amor paixão feminina**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

SOBRE A AUTORA

Francirene de Sousa Paula. Graduada em Psicologia e Mestre em Educação Brasileira pela UFC. Professora da Universidade Regional do Cariri – URCA.